



ESTADO DE GOIÁS  
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA  
CORPO DE BOMBEIROS MILITAR

## História da Corporação

CBMGO

Revisado em 2016

### SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1. Histórico dos Corpos de Bombeiros . . . . .  | 2  |
| 1.1. Origem e Evolução dos Corpos de Bombeiros ao Longo dos Tempos . . . . .                    | 2  |
| 1.2. Origem e Evolução dos Corpos de Bombeiros no Brasil . . . . .                              | 3  |
| 1.3. Criação e Implantação do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (Distrito Federal) . . . . . | 4  |
| 1.4. Criação e Implantação do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo . . . . .               | 5  |
| 1.5. A Trajetória Histórica dos Bombeiros Voluntários . . . . .                                 | 7  |
| 1.5.1. Bombeiros Voluntários de Joinville-SC . . . . .  | 7  |
| 1.5.2. Bombeiros Voluntários de Concórdia-SC . . . . .  | 8  |
| 1.6. As Ações de Preservação da Memória e do Acervo Histórico nas Corporações . . . . .         | 9  |
| 1.6.1. Museu Histórico do CBMERJ . . . . .  | 9  |
| 1.6.2. Museu de Bombeiros de São Paulo . . . . .  | 9  |
| 1.6.3. Museu Nacional dos Bombeiros de Joinville . . . . .                                      | 9  |
| 1.6.4. Acervo Histórico do CBMGO . . . . .  | 10 |
| 1.7. Data de Criação dos Serviços de Bombeiros nas Unidades da Federação . . . . .              | 10 |
| 2. A Evolução dos Serviços de Bombeiros no Brasil . . . . .                                     | 10 |
| 2.1. O Papel dos Grandes Incêndios na Evolução dos Serviços de Bombeiros no Mundo . . . . .     | 10 |
| 2.2. Os Incêndios, o Aprendizado e a Mudança nos Estados Unidos da América . . . . .            | 10 |
| 2.2.1. Teatro Iroquois, em Chicago . . . . .  | 10 |
| 2.2.2. Casa de Ópera Rhoads . . . . .   | 11 |
| 2.2.3. Escola Elementar Collinwood, em Lake View . . . . .                                      | 11 |
| 2.2.4. Triangle Shirtwaist Factory . . . . .  | 11 |
| 2.2.5. A mudança . . . . .  | 11 |
| 2.3. A Situação do Brasil antes dos Grandes Incêndios . . . . .                                 | 11 |
| 2.4. Os Incêndios, o Aprendizado e a Mudança no Brasil . . . . .                                | 12 |
| 2.4.1. Gran Circo Norte-Americano, em Niterói-RJ . . . . .                                      | 12 |
| 2.4.2. Incêndio na Indústria Volkswagen do Brasil . . . . .                                     | 12 |
| 2.4.3. Incêndio no Edifício Andraus, em São Paulo . . . . .                                     | 12 |
| 2.4.4. Incêndio no Edifício Joelma, em São Paulo . . . . .                                      | 13 |
| 2.4.5. Incêndio no Edifício Andorinhas, no Rio de Janeiro . . . . .                             | 13 |
| 2.5. As Mudanças que os Grandes Incêndios Provocaram . . . . .                                  | 14 |
| 2.5.1. Na Organização e Administração do Corpo de Bombeiros . . . . .                           | 14 |
| 2.6. Os Incêndios Ainda Podem nos Ensinar . . . . .   | 14 |
| 2.6.1. Supermercado Ycua Bolaños . . . . .  | 14 |
| 2.6.2. Boliche República Cromagnon . . . . .  | 15 |
| 2.6.3. Os Ensinaamentos que Podemos Adquirir . . . . .  | 15 |
| 2.7. Grandes Incêndios em Goiás . . . . .   | 15 |



|   |    |
|---|----|
| 2.7.1. Prédio do Centro Administrativo . . . . .                        | 15 |
| 2.7.2. Igreja Nossa Senhora do Rosário em Pirenópolis . . . . .         | 15 |
| 2.7.3. Indústria Luztol . . . . .                                       | 16 |
| 2.7.4. Depósito da Supergasbras . . . . .                               | 16 |
| 2.7.5. Perdigão . . . . .   | 16 |
| 2.7.6. Parques Ambientais . . . . .                                     | 16 |
| 3. Histórico do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás . . . . . | 17 |
| 3.1. O Início da Corporação (1957) . . . . .                            | 17 |
| 3.2. A Separação do CBMGO da Polícia Militar . . . . .                  | 18 |
| 3.3. Origem dos Oficiais do CBMGO . . . . .                             | 18 |
| 3.4 Colaboradores da Evolução Histórica do CBMGO . . . . .              | 19 |
| 3.4.1 Coronel QOBM Pedro Francisco da Silva . . . . .                   | 19 |
| 3.4.2 Coronel QOBM João de Oliveira Godinho . . . . .                   | 19 |
| 3.4.3. Coronel QOBM Anthony Jefferson Soares Frazão . . . . .           | 19 |
| 3.4.4. Coronel QOBM Valdi Marques de Sousa . . . . .                    | 19 |
| 3.4.5 Coronel QOBM Nilton Arão Gomes . . . . .                          | 20 |
| 3.4.6. Coronel QOC Uilson Alcântara Manzan . . . . .                    | 20 |
| 3.4.7. Cel QOC Carlos Helbingen Júnior . . . . .                        | 21 |
| 3.5. Acidentes que Marcaram a Corporação . . . . .                      | 22 |
| 3.5.1. Acidentes de Trânsito . . . . .                                  | 22 |
| 3.5.2 Óbitos em Serviço ou Instrução . . . . .                          | 22 |
| 3.7. O Símbolo da Corporação e sua Heráldica . . . . .                  | 23 |
| 4. O Ensino na Corporação e sua Evolução . . . . .                      | 23 |
| 4.1 O Ensino no Início da Corporação . . . . .                          | 23 |
| 4.2 As Corporações de Referência no Início da Corporação . . . . .      | 23 |
| 4.3 Os Cursos de Formação de Oficiais . . . . .                         | 24 |
| Bibliografia . . . . .  | 24 |

## 1. Histórico dos Corpos de Bombeiros

### 1.1. Origem e Evolução dos Corpos de Bombeiros ao Longo dos Tempos

O serviço de bombeiro nasceu, como quase tudo o que o homem criou, por necessidade. O fogo sempre foi uma séria ameaça à humanidade. Quando os homens ainda eram nômades, fugiam das chamas, não sendo necessário enfrentá-las. Mas a partir do momento que se fixou na terra, obrigou-o a combatê-las quando estas ameaçavam pessoas ou o patrimônio.

Certamente a preocupação com incêndios é tão antiga como a própria vida social, nas diferentes culturas. Contudo, nossas pesquisas apontam que ao longo da história grandes incêndios marcaram os povos ao redor do mundo. E a partir dessas grandes tragédias, surgiu a necessidade de criar-se um serviço para fazer frente a esse tipo de sinistro. Assim nasceram as primeiras corporações de bombeiros.

A origem dos Corpos de Bombeiros remonta à origem do emprego do fogo pelo homem. Uma das primeiras organizações de combate ao fogo de que se tem notícia, segundo Care Z. Peterson, foi

criado na Roma Antiga, quando a capital do Império Romano foi devastada por um grande incêndio no ano 22 a.C. Assim, o Imperador Otávio Augusto, em 27 a.C., formou um grupo de “vigiles”. Esses “vigiles” patrulhavam as ruas para impedir incêndios e também para policiar a cidade por meio de patrulhas. Este é o primeiro corpo organizado que se conhece na história, dedicado à função de bombeiro. Neste período da história, o fogo era um problema de difícil resolução para os “vigílias”, que contavam com métodos insuficientes para a extinção das chamas.

Uma das normas mais antigas de proteção contra incêndios foi promulgada no ano de 872 em Oxford, no Reino Britânico, estabelecendo um toque de alerta, a partir do qual se deviam apagar todos os incêndios que estivessem ocorrendo naquele momento mais tarde. Guilherme, o Conquistador, estabelecia um toque de alerta geral em toda a Grã-Bretanha, dirigindo tanto a que se apagassem os fogos como as revolta no território.

Durante a Idade Média se tinha no incêndio um conceito relativo, considerando-no um dano inevitável. A partir do século XVI os artesãos se espalharam por toda Europa, numa modesta industrialização. Os incêndios foram mais



frequentes e houve necessidade de combatê-los de forma prática. Mais tarde, na metade do século XVII, o material disponível para combate a incêndio se reduzia a machados, enxadões, baldes e outras ferramentas.

Um fato interessante da história é que em 1666, na Grã-Bretanha, já haviam brigadas de seguros contra incêndios, administradas por seguradoras, sem mais informações sobre o desenvolvimento dessas organizações na Europa até o grande incêndio de Londres, no mesmo ano, que destruiu grande parte da cidade e deixou milhares de pessoas desabrigadas. Antes do incêndio, Londres não dispunha de sistema organizado de proteção contra o fogo. Após isso, as companhias de seguro da cidade começaram a formar brigadas particulares para proteger a propriedade de clientes.

No século XVIII, surgiram as bombas de incêndio, fazendo com que se organizasse em Paris uma companhia de 70 guarda-bombas, uniformizados e remunerados, sujeitos à disciplina militar. Este foi uma das primeiras corporações organizadas de que se tem notícia, nos moldes dos sistemas atuais. Em pouco tempo todas as grandes cidades do mundo ocidental já possuíam, seja por disposição legal ou por iniciativa das companhias de seguros.

Em Boston-EUA, depois de um incêndio devastador que destruiu 155 edifícios e inúmeros barcos, houve em 1679 a fundação do primeiro Departamento Profissional Municipal Contra Incêndios na América do Norte. A cidade importou da Inglaterra uma bomba contra incêndios, empregando um chefe e 12 bombeiros. Já em 1715 a cidade de Boston já contava com 6 companhias que dispunham de bombas d'água.

Na mesma época também eram organizados nas comunidades de Massachusetts sistemas de defesa contra o fogo, tais como exigências que em cada casa houvesse disponível 5 latas (tipo balde). Em caso de incêndio era dado alarme através dos sinos das igrejas e os moradores de cada casa passavam então a se organizarem em grandes filas, desde o manancial mais próximo até o sinistro, passando as latas de mão em mão. Aqueles que não ajudavam eram multados em até 10 dólares pelo chefe dos bombeiros.

Com falta de organização e disciplina dos bombeiros voluntários, bem como a resistência à tecnologia que despontava com a introdução de bombas com motor a vapor, foi criada a organização dos departamentos profissionais contra incêndio, tendo-se registro que em 1º de abril de 1853, em Cincinnati, foi ativado o serviço

de bombeiros com bombas a vapor em veículos tracionados por cavalos.

Anos mais tarde, também Nova Iorque substituiu os bombeiros voluntários pelos profissionais que utilizavam estas bombas. As primeiras escolas de bombeiros surgiram em 1889, em Boston, e em 1914, em Nova Iorque, para transformação dos quadros profissionais de maiores e menores graduações.

Na época das 1ª e 2ª Guerras Mundiais, os Corpos de Bombeiros encontravam-se estruturados e atuavam em sistemas de dois turnos. Devido às necessidades, muitas vezes seguiam trabalhando para erradicar sinistros advindos de bombardeios, com jornada de até 24 horas, passando a tornar-se comum tal prática, trabalhando mais horas que outras categorias profissionais, e com isso consolidando-se esta situação, a partir de então.

## 1.2. Origem e Evolução dos Corpos de Bombeiros no Brasil

Fundado em 1565, por Estácio de Sá, o Rio de Janeiro passou a expandir-se e a aumentar sua importância no cenário nacional da época. Em agosto de 1710 o Corsário Francês Jean François Duclerc, em missão de guerra, empreendeu um ataque que causou a destruição total da alfândega do Rio de Janeiro, seguindo-se grande incêndio. Em 1732, um grande incêndio de causa desconhecida destruiu considerável parte do Mosteiro de São Bento, próximo a atual Praça Mauá, que acabara de ser reconstruído.

Em 1788, em ofício datado de 12 de julho, o Vice-Rei Luís de Vasconcelos determinou que todos os cidadãos deveriam iluminar a frente de suas casas, a fim de evitar o "atropelamento". O pânico era tanto que este causava mais vítimas do que o próprio fogo, pois o incêndio à noite gerava mais confusão devido à falta de iluminação pública.

Em 1789, outro grande incêndio destruiu completamente o Recolhimento da Nossa Senhora do Porto, causando profundo impacto junto à população e às autoridades. Na época os trabalhadores de extinção estavam a cargo do Arsenal da Marinha. Nessas ocasiões, corriam para os incêndios as milícias, aguadeiros e voluntários que combatiam empiricamente as chamas com os meios disponíveis, dificultando o trabalho, o tipo de construções com farto madeirame, arruamentos estreitos e irregulares. Quando irrompia à noite, os incêndios vitimavam mais pessoas pela dificuldade de evacuação dos locais devido à precária iluminação existente.

O Arsenal de Marinha, que fora criado em 1763



pelo Conde da Cunha, foi a repartição escolhida para extinguir os incêndios na cidade, tendo sido levado em conta a experiência que tinham os homens do mar em apagar o fogo em suas embarcações. Pela necessidade de dotar a cidade de sistema de combate mais organizado, o Alvará Régio de 12 de agosto de 1797, Título XII, determinou que o Arsenal da Marinha passasse a ser o órgão público responsável pela extinção de incêndio, em razão da experiência que os marinheiros possuíam em extinção de fogo nas embarcações, contando com treinamento e equipamento para tal. O Intendente do Arsenal determinava expressamente que *"e terão sempre prontas as bombas, e todos os mais instrumentos necessários para se acudir prontamente não só aos incêndios da cidade, mas também aos do mar"*.

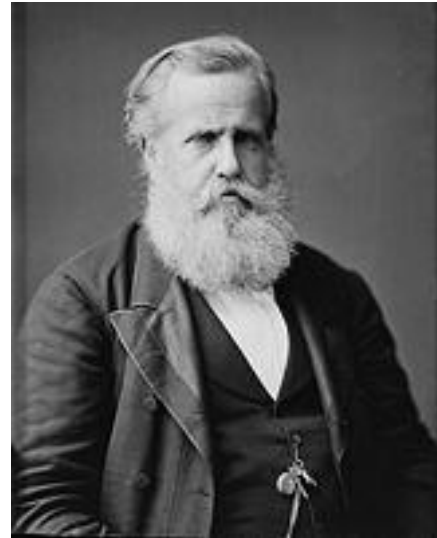
Dessa época data o início do serviço de extinção de incêndios realizados por Órgão Público na cidade do Rio de Janeiro, isto é, em 12 de agosto de 1797. Em 1808 foi criado o cargo de Inspetor do Arsenal, cabendo-lhe dirigir pessoalmente a extinção de incêndios na cidade, para isso levando as bombas, marujos, escravos e água. Outros incêndios seguiram, assim com conflitos de competência sobre a responsabilidade pelo comando das operações de combate a incêndios, chegando a sugestão de passar a responsabilidade ao Diretor de Obras Públicas, com pessoal próprio.

Sempre foram muito difíceis e limitados os recursos da população contra o fogo, que se expandiam rapidamente devido as construções serem ricas em madeira. O sinal de incêndio era dado pelos sinos das igrejas. Acorriam todos os aguadeiros com pipas, e também populares, que faziam longas filas até o chafariz julgado mais próximo, transportando de mão em mão os baldes de água, ao mesmo tempo em que se improvisavam escadas de madeira para efetuar salvamentos, retirando os moradores, antes que eles se atirassem.

### 1.3. Criação e Implantação do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (Distrito Federal)

Em julho de 1856 a exposição de motivos feita pelo Inspetor do Arsenal de Marinha das Cortes Joaquim José Inácio, contida em ofício de 26 de março de 1851, apesar de decorridos mais de 5 anos, apresentava os primeiros sinais positivos. Os fatos narrados naquele documento motivaram no Ministério da Justiça a elaboração do Decreto Imperial n. 1.775, assinado pelo Imperador Dom Pedro II, e promulgada a 2 de julho de 1856. Esse decreto reuniu numa só administração as diversas seções que até então existiam para o Serviço de

Extinção de Incêndios, nos Arsenais de Marinha e Guerra, Repartição de Obras Públicas e Casa de Correção, sendo assim criado e organizado o Corpo Provisório de Bombeiros da Corte, sob a jurisdição do Ministério da Justiça, sendo seu primeiro comandante um Oficial Superior do Corpo de Engenharia do Exército, o Major João Batista de Castro Moraes Antas, nomeado em 26 de julho de 1856. O primeiro uniforme usado na corporação foi criado pela esposa do Imperador D. Pedro II, a Princesa Tereza Cristina Maria de Bourbon.



D. Pedro II

Com o Decreto n. 2.587, de 30 de abril de 1860, tornava-se definitivo o Corpo Provisório de Bombeiros da Corte, passando sua subordinação à jurisdição do Ministério da Agricultura, que na mesma data era criado, cujo primeiro titular e organizador foi o Almirante Joaquim José Inácio. A criação do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal decorreu do bom senso, pertinácia e tino administrativo do Visconde de Inhaúma, grande incentivador do pleito.

Principais fatos da Corporação do Rio de Janeiro, por ano:

- 1865: o Corpo de Bombeiros recebeu a primeira bomba a vapor, especialmente destinada aos incêndios à beira-mar, podendo ser embarcada para extinção de incêndios abordo e transportada por 20 homens;
- 1870: em outubro foi adotado o uso da corneta militar para os sinais do Corpo de Bombeiros em substituição ao apito até então em uso, iniciando-se ao mesmo tempo a tração das viaturas por muares;
- 1872: em 20 de maio foi recebida a segunda bomba a vapor entregue pela Inspetoria de Obras Públicas;





– 1875: nessa época a corporação possuía duas bombas a vapor a 16 manuais, sendo que 6 eram de grande porte, exigindo de 16 a 20 homens para movê-las, e 10 pequenas, podendo ser tocadas por 6 homens;

– 1877: foi instalado o primeiro aparelho telefônico do Rio de Janeiro, ligando a loja O Grande Mágico, de propriedade de Antônio Ribeiro Chaves (que negociava no Beco do Desvio, 86, hoje Rua do Ouvidor, com novidades mecânicas e aparelhos elétricos), e o Quartel do Corpo de Bombeiros. Nesse mesmo ano fez-se experiência com uma das 24 caixas avisadores de incêndio que estavam sendo construídas na Repartição Central dos Telégrafos, para se assentarem dentro do perímetro da cidade;

– 1879: somente em janeiro, 19 depois de publicado o Regulamento do Corpo de Bombeiros (Decreto Imperial n. 2.587/1860), que já cogitava da instalação dessas caixas, foi inaugurado o primeiro circuito, com 12 aparelhos colocados em pontos convenientes, no Centro Comercial da cidade. Nesse mesmo ano a Repartição dos Telégrafos acabava por organizar um sistema de linhas telefônicas para avisos de incêndios, ligadas à Estação Central dos Bombeiros postos 1, 2 e 3 e Estações Policiais;

– 1880: durante este período, por Decreto n. 7.766, de 19 de julho, foram concedidas graduações militares aos Oficiais do Corpo, com uso das respectivas insígnias. Ao Diretor Geral, foram dadas as honras de Tenente-Coronel, ao Ajudante, as de Major, aos Comandantes de Seções, as de Capitães e aos instrutores, as de Tenentes. Até então, embora estivesse o Corpo de Bombeiros militarmente organizado e aquartelado, não podiam os oficiais nem mesmo no quartel usar insígnias, e quando concorriam em serviço com outras autoridades militares e civis eram tidos como soldados, pois traziam a farda sem distintivo algum indicando o cargo que ocupavam;

– 1881: por Decreto n. 8.337, de 17 de dezembro, foi aprovado o Regulamento que dava organização militar ao Corpo de Bombeiros, elevando seu estado efetivo a 300 homens e autorizando o governo a empregá-lo em caso de guerra, como Corpo de Sapadores ou Pontoneiros, ficando em tal emergência com a mesma organização de Batalhão de Engenheiros;

– 1894: instalada a primeira enfermaria do Corpo;

– 1895: inaugurada a farmácia, data desta época também a criação do serviço médico social da Corporação;

– 1896: criada a Banda de Música;

– 1899: foi adquirida a primeira ambulância para acompanhar o material destinado ao combate a incêndio;

– 1908: em 23 de maio foi inaugurado o Quartel do Comando Geral do Corpo de Bombeiros, obra esta idealizada e projetada pelo Marechal Engenheiro Francisco Marcelino de Souza Aguiar, ex-Comandante da Corporação;

– 1913: o Boletim do Comando do Corpo de Bombeiros da Capital, datado de 30 de maio de 1913, fez pública a Ordem de Serviço n. 119, havendo assim o advento do motor a explosão, com o seguinte texto: “Devendo começar no dia 1º do mês próximo vindouro (junho) o serviço de socorro para incêndios com material automóvel, determino a observância das presentes instruções. O material da primeira prontidão será constituído dos seguintes escalões: a) 1º Socorro (automóvel); b) 2º Socorro (misto); c) 3º Reforço (automóvel)”. Em 1º de junho, uma nova era que se iniciou no Corpo de Bombeiros, a da tração mecânica. “Dali em diante o galopar dos cavalos, seria gradativamente, substituído nas ruas da cidade, pelo ronco possante dos motores dos carros dos Bombeiros”.

#### 1.4. Criação e Implantação do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo

No tempo em que a Capital da Província não chegava a cobrir 3 colinas, em que as construções começaram a ser mais valiosas, começou-se a pensar em combater as chamas. Em caso de incêndio, mulheres, homens e crianças ficavam em fila, e do poço mais próximo iam os baldes passando de mão em mão, até chegarem ao prédio em chamas.

Em 1851 foram aprovadas as primeiras posturas municipais relativas aos casos de fogo, tomadas em consequência de um incêndio em dezembro de 1850, na Rua do Rosário, hoje Rua XV de Novembro, com a aquisição de duas bombas que não foram utilizadas até 1862, pois nesses 12 anos não ocorreu um único incêndio. Em 1870, novo incêndio, nova “turma de bombeiros” e mais 7 anos sem ocorrências. A 10 de março de 1880, começaram oficialmente os trabalhos de extinção de incêndio na Capital do Estado de São Paulo, com a criação da Seção de Bombeiros, composta de 20 homens.

Eis a íntegra da lei:

“Artigo 1º. Fica o governo da província autorizado



*a organizar desde já uma Seção de Bombeiros, anexa à Cia de Urbanos da capital e a fazer aquisição de maquinismo próprio para a extinção de incêndios.*

*“Artigo 2º. Para essa despesa, é o governo autorizado a abrir um crédito de 20:000\$00, revogadas as disposições em contrário.”*

A Seção criada ficou ocupando uma parte do prédio onde funcionava a estação central da Companhia de Urbanos, na Rua do Quartel (hoje Rua 11 de Agosto), sendo requisitado o material necessário para sua formação. O Chefe de Polícia, João Augusto de Pádua Fleuri, incumbido pelo Presidente da Província, foi à Capital do Império a fim de providenciar os materiais necessários para o levantamento do núcleo de bombeiros. Trouxe ele duas bombas vienenses, uma das quais doada pelo governo Imperial, que eram muito importantes, pois tinham força suficiente para projetar água ao telhado de prédios de 2 andares (construção de taipa, com altura de 8 a 9 metros). Foram também adquiridos pipas, mangueiras e outros materiais necessários à extinção de fogo.

Do então Distrito Federal vieram alguns homens que haviam servido no Corpo de Bombeiros local, que, com alguns recrutas de São Paulo, completaram o efetivo do núcleo de soldados do fogo. O primeiro comandante da Seção, em 1887, depois de muitos pedidos, secundado pelo Chefe de Polícia, recebeu da Corte mais alguns aparelhamentos. Esses materiais preencheram falhas de que se ressentia a Seção. Entre elas veio para São Paulo a primeira bomba a vapor, denominada “Greenwich”. Surgiu, então, o problema da acomodação do material adquirido, que não seria possível guardá-lo no prédio da Central de Urbanos. Em vista disso, em 1887, a Seção foi transferida para o prédio da Rua do Trem (hoje Rua Anita Garibaldi, local da atual sede do Corpo de Bombeiros).

Em 1888 já era insuficiente o efetivo de 20 homens e, por isso, o governo provincial elevou a 30 o número de praças. Naquela época, os avisos de incêndios eram transmitidos por meio de rebates nos sinos das igrejas ou por comunicações verbais de particulares, que corriam até a porta do quartel de bombeiros para tal fim. Até a proclamação da República a Seção de Bombeiros de São Paulo teve 3 comandantes, o primeiro deles foi o Tenente José Severino Dias, que assumiu o comando em julho de 1880, iniciando de imediato os trabalhos de organização dos serviços de combate a incêndio, de instrução e da instalação da Seção. Procedia do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, onde tinha o posto de Alferes.

Em 1883, a pedido, foi substituído por poucos dias e interinamente pelo Tenente Manoel José Branco, do Corpo Permanente da Guarda Urbana. Logo depois foi nomeado o Tenente Alfredo José Martins de Araújo, que era também oriundo do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal.

Após um aumento brusco no efetivo sem o tempo necessário para o treinamento e instrução dos novos bombeiros, que num total de 168 homens compunham a então Companhia de Urbanos, em outubro de 1891 assume o comando o capitão José Maria O’Connell Jersey, um rígido e disciplinado oficial de engenharia que a dissolve, reorganiza e cria em 14 de novembro do mesmo ano o Corpo de Bombeiros, com 240 homens mais bem selecionados. Nesse período, a Companhia Telefônica montou 50 aparelhos para agilizar o aviso de incêndio. No local da ocorrência era utilizada a corneta e nas ruas era usado o sistema alemão, que só seria desativado por volta de 1920. São também criadas as oficinas de conserto e manutenção dos materiais que o Corpo já dispunha.

Em abril de 1896 são inauguradas 50 caixas de aviso e incêndio chamadas “Linhas Telegráficas de Sinais de Incêndio” com aproximadamente 70 km de extensão, operadas por civis graduados militarmente. Em 1910, foram adquiridos na Inglaterra os primeiros veículos automotores, junto à empresa Merryweather & Sons, num total de 6 (sendo 3 para o combate ao fogo), a serem entregues em 1911, ano em que foi inaugurado o popular sistema de alarme Gamewell, estadunidense, com 146 caixas, e que sob a manutenção do Corpo funcionou por mais de 4 décadas.

Todo o material de tração animal foi desativado em 1921. Com o desenfreado crescimento da cidade, porém, os automóveis adquiridos não eram suficientes. Entra em cena então a criatividade dos bombeiros. Foram aproveitadas duas bombas a vapor que pertenciam aos equipamentos recém-aposentados e adaptados sobre dois chassis (Mercedes Saurer e Fiat), e o Corpo ganhou mais dois veículos.

Os bombeiros começaram a expandir-se para o interior em 1943, através de acordos com as municipalidades, iniciando um processo de organização a nível estadual. Existiam no efetivo dessa época 1212 homens. Em 1955 é inaugurada a rede de rádio, facilitando a comunicação entre as viaturas e o quartel, que informava o melhor caminho, a evolução da ocorrência, centralizava os pedidos e os distribuía de forma racional entre os Postos. Um ano depois foram desativadas as caixas de alarme, mas seu sucessor, o telefone,



ainda não atendia totalmente as necessidades da população. Havia poucos aparelhos e o número não era de fácil memorização. Somente 23 anos depois seria adotado o número de emergência 193.

Em 1964 foi inaugurada a Companhia Escola e criado o Curso de Bombeiro para Oficiais. Em 1967 a Estação Central (localizada na Praça Clóvis Bevilácqua) é demolida para a edificação de uma nova, concluída somente em 1975. Reflexo dos catastróficos incêndios dos edifícios Andraus (1972) e Joelma (1974), onde centenas de vidas foram ceifadas, são importados autobombas, autoescadas, autoelevadores, veículos de comando e de apoio e todas as viaturas passam a contar com rádio, além do aperfeiçoamento das exigências legais quanto aos aspectos de prevenção de incêndios.

Em 1990, visando melhorar a qualidade do atendimento pré-hospitalar das ocorrências de salvamento, é implantado o sistema de Resgate na região metropolitana de São Paulo e em mais 14 municípios, contando com pessoal, veículos especializados e apoio de helicópteros.

#### 1.5. A Trajetória Histórica dos Bombeiros Voluntários

No Brasil o serviço de bombeiro mais conhecido é o militarizado. Porém também existe o brigadista, empregado em locais de público/grandes empresas, que participa de atendimento público como voluntário ou contratado, ou ainda como funcionário municipal. Menos de 350 cidades possuem bombeiros militares empregados, sendo que existem mais de 5.500 municípios no País. A solução, principalmente na região sul do País, tem sido os bombeiros civis, que atuam como voluntários em ONGs. Os projetos de bombeiros comunitários, com parceria entre o Corpo de Bombeiros Militar e os Municípios, cria as condições necessárias para a efetivação do serviço. O projeto se destina aos municípios que possuem índice menor de ocorrências, para dar primeira resposta no combate a incêndio à população destes municípios. Para ser bombeiro voluntário se faz necessário procurar um Corpo de Voluntários e submeter-se a treinamento básico para o desempenho das atividades.

##### 1.5.1. Bombeiros Voluntários de Joinville-SC

Em 13 de julho de 1892, aos 41 anos de idade e com cerca de 15 mil habitantes, o município de Joinville ativou o serviço de corpo de bombeiros voluntários. Com a crescente prosperidade econômica da cidade, as construções de casas e comércios estavam em prática, e junto a elas

começaram os incêndios. Então, com o intuito de proteger a comunidade, surgiu o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.



Os primeiros imigrantes da então colônia Dona Francisca resolveram dar um basta no corre-corre da população com panelas e baldes para acalmar as brasas que consumiam os imóveis de madeira, durante os incêndios. Em 4 de julho de 1891, um incêndio consumiu o comércio do Sr. G. B. Trinks. A população tentou salvar o imóvel, mas era quase impossível. Um ano depois, em 7 de julho de 1892, outro incêndio destruiu a casa do Sr. Henrique Walter. Uma comissão de moradores foi criada. Faziam parte dela os Srs. Frederico Hudler, Wassermann, João Colin, Otto Boehm, August Urban e Otto Gelbke. Seis dias depois deste último incêndio devastador, foi criada oficialmente uma corporação que combateria o fogo.

O Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville começou com um presidente, o Sr. Victor Mueller, mais 37 soldados. Somente em 1913 é que o corpo de bombeiros voluntários instalou-se em sede própria. Com os lemas "Um por todos e todos por um" e "Em nome de Deus e em defesa do próximo" é que os voluntários prestavam preciosos serviços à comunidade. Era exigência da corporação que todo soldado fosse honesto e másculo. Sobriedade, pontualidade, perseverança, disciplina e obediência hierárquica eram obrigações de um soldado.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o CBVJ foi a única instituição de origem alemã no Brasil a permanecer em funcionamento, com reconhecimento de sua utilidade pública. Até 1972 o corpo de bombeiros era apenas composto por voluntários. Com o desenvolvimento urbano de Joinville, foi criada uma equipe fixa e remunerada. Os voluntários passaram a ser incorporados nos sinistros de maiores proporções. Hoje, os bombeiros funcionam com a indispensável função de segurança, em qualquer emergência. Deixaram a muito tempo de atuar somente nos casos de incêndio. Possuem equipamentos e automóveis de alta tecnologia, e representam a garantia de salvação e defesa tanto de patrimônios materiais, como de vidas.



Principais fatos:

- 1892: criação oficial do CBVJ, em 13 de julho;
- 1893: chegava a primeira bomba manual e eram realizados os primeiros exercícios de capacete e cinto;
- 1895: em 11 de fevereiro aconteceu o primeiro incêndio onde a corporação tomou parte ativa;
- 1913: o CBVJ ganha sua primeira sede própria, na Rua Jaguaruna;
- 1923: o CBVJ faz acordo com os donos de “autos-de-praças”, onde sempre que houvesse uma ocorrência os bombeiros poderiam ser deslocados sem qualquer despesa;
- 1926: o CBVJ adquire o primeiro caminhão, da marca Chevrolet;
- 1927: a Prefeitura de Joinville doa o segundo caminhão ao CBVJ;
- 1938 a 1945: o CBVJ foi a única instituição de origem alemã da cidade que não foi extinta com a campanha de nacionalização;
- 1940: adotado o sistema de sirene central.
- 1942: mesmo com a campanha da nacionalização, o CBVJ estava ainda solidificado com 2 caminhões, 80 soldados treinados e 260 sócios-contribuintes;
- 1952: pior crise financeira do corpo de bombeiros, sendo então criada uma diretoria administrativa, somente para cuidar dessa área;
- 1954: ativado o novo quartel em construção desde 1952, que substituiu o inaugurado em 1913;
- 1970: abolida a sirene e se inicia um trabalho de guarnição de bombeiros para plantão permanente. Até então, os bombeiros eram convocados para as ocorrências por meio de sinal sonoro, que na época podia ser ouvida em qualquer canto de Joinville;
- 1972: criação da primeira equipe remunerada do CBVJ;
- 1977/1978: acontece em Joinville uma onda de incêndios criminosos, que abalaram a cidade;
- 1987: a Associação Comercial e Industrial de Joinville assume a responsabilidade da administração e manutenção do CBVJ;

– 1991: obtenção, por doação, de 10 novas viaturas.

– 1992/1993: acontecem os festejos do primeiro centenário do CBVJ.

#### 1.5.2. Bombeiros Voluntários de Concórdia-SC

No município de Concórdia, a empresa Sadia prestava socorro para atendimentos à população. O diretor da empresa na época, o Sr. Juraci Lopes da Silva, percebeu que a cidade estava crescendo e a empresa não conseguia mais atender a demanda de ocorrências. Na época havia somente um carro tipo jipe, que atendia a sociedade em geral. Foi então que se reuniram com a prefeitura local e empresários da cidade para formar o Corpo de Bombeiros Voluntários de Concórdia.

Com o Sr. Juraci como presidente, em 6 de novembro de 1979 foi fundado o Corpo de Bombeiros na cidade, sendo uma entidade sem fins lucrativos, que visava o atendimento de urgência e emergência à população em geral. No entanto, ficou somente no papel por alguns anos. Em 1982, o Sr. Júlio César Mocelin colocou o Corpo de Bombeiros na ativa. Foi eleita uma diretoria e escolhido o comandante e subcomandante. Foi a partir desse comando que se formou a escola de treinamento para voluntários, por meio de equipamentos emprestados pela Sadia.

A Prefeitura Municipal de Concórdia contribuiu gradativamente para a formação da associação, doando inicialmente o pátio de sua garagem como sede para o estabelecimento. O primeiro caminhão de combate a incêndio foi cedido pelo Defesa Civil do Estado, sendo que a Prefeitura cedeu 4 funcionários para atuarem como bombeiros. A Corporação atendia inicialmente somente incêndios e acidentes, tanto na cidade de Concórdia como nas cidades vizinhas. Nesta época foram realizadas inúmeras viagens de transportes de pacientes doentes para os grandes centros.

Através de diversas doações, do Estado, da Prefeitura, da Secretaria da Saúde, foram adquiridos mais caminhões de combate a incêndio, com a cidade em crescimento constante. Em 1992 foi construído o Posto I, na localidade de São Cristóvão e, em 1994 o Posto II, em Santo Antônio. Para a obra, a comunidade ajudou na arrecadação de verbas através de pedágios. Por volta do ano de 1993 foi implantado o FUNREBOM, receita adquirida por meio de atividades técnicas, que implantou o alvará, a vistoria e prevenção de incêndio nas empresas. A sede atual foi construída através de doações na conta da luz e de recursos





da comunidade, sendo inaugurada em 6 de novembro de 2000. A partir desse momento, iniciou-se a contratação de bombeiros através da sociedade.

#### 1.6. As Ações de Preservação da Memória e do Acervo Histórico nas Corporações

##### 1.6.1. Museu Histórico do CBMERJ

O Museu Histórico do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro foi inaugurado em 2 de julho de 1977. Localizado inicialmente no Quartel do Méier, foi transferido em 1995 para o Quartel Central, um imponente projeto arquitetônico em estilo eclético elaborado pelo engenheiro Marechal Francisco Marcelino de Souza Aguiar, finalizado em 1908.

No Quartel Central o museu ocupa a bela e centenária estrutura de ferro e vidro da antiga oficina da corporação, construída em 1907 e completamente restaurada em um moderno projeto de revitalização do Museu, reinaugurado em 2 de julho de 2006, como parte dos festejos dos 150 anos da fundação do Corpo de Bombeiros.

A exposição está distribuída nos dois pavimentos do museu, e através do seu acervo, composto de objetos que revelam o percurso histórico, artístico e tecnológico em nosso País, o visitante pode conhecer aspectos relevantes da história e da memória do primeiro Corpo de Bombeiros do Brasil, criado em 1856 pelo Imperador D. Pedro II, Patrono da Corporação.

No primeiro pavimento do museu encontram-se as viaturas históricas do Corpo de Bombeiros, desde as de tração animal até aos modernos veículos motorizados, exemplificando o processo de transformação tecnológica dos séculos XIX e XX. Na área central do primeiro pavimento, um grande módulo expositivo abriga coberturas e capacetes utilizados por corporações de bombeiros e por forças militares do Brasil e de diferentes países.

No segundo pavimento da exposição consta o acervo pertinente à memória da corporação – equipamentos, imagens de heróis e personalidades, fotografias e objetos relacionados a eventos e acontecimentos – distribuído em quatro núcleos temáticos:

1 – Corpo de Bombeiros da Corte Imperial (1856-1889);

2 – Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (1889-1960);

3 – Corpo de Bombeiros do Estado da Guanabara (1960-1975) e do Estado do Rio de Janeiro (1975-atualidade)

4 – Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (1896-atualidade)

O Museu Histórico, o Arquivo Geral e a Banda Sinfônica fazem parte do Centro Histórico e Cultural do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, que reúne um acervo de objetos e documentos de grande importância histórica e informacional sobre o Corpo de Bombeiros e sobre o cenário sociopolítico nacional.

##### 1.6.2. Museu de Bombeiros de São Paulo

O quartel do 4º Grupamento de Incêndio, localizado na Vila Mariana, tem como atração cultural o Centro de Memória do Corpo de Bombeiros. Com o objetivo de manter viva a história da corporação, o espaço possui mais de 170 peças em seu acervo, com fotos, multimídias, reportagens e equipamentos doados tanto de colecionadores quanto da própria unidade.

Construído em 1927, o casarão da Vila Mariana se tornou uma base do corpo de bombeiros apenas em 1955, mantendo 80% de sua arquitetura original. O passeio no tempo conta com o auxílio de um guia que orienta o público durante o trajeto percorrido em 10 salas temáticas. A primeira viatura dos bombeiros, puxada por burros, abre a exposição. No cenário fotográfico, a principal atração fica por conta das imagens dos maiores incêndios da história da capital paulista, como os do Edifício Andraus (em 24 de fevereiro de 1972), do Edifício Joelma (em 1º de fevereiro de 1974) e do Edifício Grande Avenida (em 14 de fevereiro de 1981), também apresentada com imagens da época na sala de cinema. Outro destaque é o capacete de mergulho usado entre 1931 e 1985 pelos bombeiros. “É um dos objetos mais comentados da exposição, pois ele lembra o capacete de mergulho do filme Homens de honra”.

##### 1.6.3. Museu Nacional dos Bombeiros de Joinville

O Museu Nacional do Bombeiro está instalado nas dependências da Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, na Rua Jaguaruna. Foi inaugurado em 8 de março de 1997 pelo presidente da República Fernando Henrique Cardoso, a partir de um projeto que surgiu 5 anos antes por iniciativa do empresário José Henrique Carneiro de Loyola, então presidente da instituição. O museu reúne cerca de 172 peças, dentre fotos e objetos que mostram parte da trajetória da corporação catarinense, a mais antiga do Brasil no gênero voluntário. Entre as



preciosidades está o primeiro caminhão usado no combate ao fogo, um Chevrolet ano 1923, e uma bomba manual de 1892 que operava com a força física de 10 voluntários.

#### 1.6.4. Acervo Histórico do CBMGO

O acervo histórico de nossa Corporação ainda é esparso, e encontra-se atualmente em fase inicial, contando apenas com algumas viaturas, quais

sejam uma autoescada, uma autoplateforma de iluminação, uma viatura modelo Caravan/ambulância, uma viatura de combate a incêndio doada pelo Governo Japonês e um Jeep, além de itens básicos como esguicho, capacetes, fardamento, insígnias e outros, que contarão a história do CBMGO.

#### 1.7. Data de Criação dos Serviços de Bombeiros nas Unidades da Federação:

| UF                  | Sigla   | Data de criação | Data da emancipação |
|---------------------|---------|-----------------|---------------------|
| Acre                | CBMAC   | 4 abr 1974      | 18 dez 1990         |
| Alagoas             | CBMAL   | 1947            | 1993                |
| Amapá               | CBMAP   | 1975            | 9 jul 1992          |
| Amazonas            | CBMAM   | 11 julho 1876   | 26 nov 1998         |
| Bahia               | CBMBA   | 16 maio 1890    | 1º jul 2014         |
| Ceará               | CBMCE   | 8 ago 1925      | 20 abr 1990         |
| Distrito Federal    | CBMDF   | 1965            | 25 jun 1966         |
| Espírito Santo      | CBMES   | 26 dez 1912     | 25 ago 1997         |
| Goiás               | CBMGO   | 5 nov 1957      | 1º jan 1990         |
| Maranhão            | CBMMA   | 16 abr 1901     | 1992                |
| Mato Grosso         | CBMMT   | 19 ago 1964     | 1994                |
| Mato Grosso do Sul  | CBMMS   | 19 ago 1964     | 5 out 1989          |
| Minas Gerais        | CBMMG   | 31 ago 1911     | 9 jul 1999          |
| Pará                | CBMPA   | 24 nov 1882     | 19 abr 1990         |
| Paraíba             | CBMPB   | 9 jun 1917      | 28 dez 2007         |
| Paraná              | CBMPR   | 8 out 1912      |                     |
| Pernambuco          | CBMPE   | 20 nov 1887     | 22 jun 1994         |
| Piauí               | CBMPI   | 18 jul 1944     | 8 jul 2003          |
| Rio Grande de Sul   | –       | 1º mar 1895     | –                   |
| Rio Grande do Norte | CBMRN   | 29 nov 1917     | 22 mar 2002         |
| Rio de Janeiro      | CBMRJ   | 2 jul 1856      | 1º jul 1974         |
| Rondônia            | CBMRO   | 1957            | 13 abr 1998         |
| Roraima             | CBMRR   | 26 nov 1975     | 19 dez 2001         |
| São Paulo           | CBPMESP | 10 mar 1880     | –                   |
| Santa Catarina      | CBMSC   | 26 set 1919     | 13 jun 2003         |
| Sergipe             | CBMSE   | 1º out 1920     | 23 dez 1999         |
| Tocantins           | CBMTO   | 14 dez 1992     | 27 set 2005         |

## 2. A Evolução dos Serviços de Bombeiros no Brasil

### 2.1. O Papel dos Grandes Incêndios na Evolução dos Serviços de Bombeiros no Mundo

Sem dúvidas, o incêndio é uma das maiores catástrofes que podem ocorrer nas grandes cidades. E foram justamente estas catástrofes que assolaram a grande maioria dos conglomerados urbanos pelo mundo, ceifando vidas e criando a necessidade de dotar as cidades com serviços especializados para o combate a incêndio, desenvolvendo mundo afora os serviços de bombeiros, normalmente após um grande incêndio.

Também com o surgimento dessas instituições, surgiu a necessidade de material e de criar-se normas para manter a segurança contra incêndio nessas comunidades. Assim conclui-se que infelizmente os grandes incêndios urbanos tiveram papel preponderante no surgimento de instituições de bombeiros e no surgimento de novas normas relacionadas à segurança contra incêndio.

### 2.2. Os Incêndios, o Aprendizado e a Mudança nos Estados Unidos da América

#### 2.2.1. Teatro Iroquois, em Chicago

Ocorrido em 30 de dezembro de 1903, aproximadamente um mês após a abertura do



teatro, e 32 anos após um incêndio que devastou a cidade. Supostamente seguro contra incêndios, O teatro Iroquois tinha aproximadamente 1600 pessoas na plateia, e o fogo vitimou 600 delas (sendo apenas um componente do grupo artístico e pessoal de apoio).

Como diversos incêndios já haviam ocorrido em teatros, tanto na Europa quanto nos EUA, sem a mesma magnitude, as precauções necessárias contra esse acidente eram conhecidas, mas não foram tomadas pelos proprietários do teatro. Constavam de tais precauções a presença de bombeiros com equipamentos extintores, esguichos e mangueiras etc., a participação de pessoas aptas a orientar ações de abandono, a existência de cortina de asbestos que isolasse o palco da plateia, a implantação de adequadas saídas devidamente desobstruídas (destrancadas), dentre outras. No Teatro Iroquois, algumas destas medidas não foram adotadas e outras não funcionaram a contento.

#### 2.2.2. Casa de Ópera Rhoads

Situada em Boyertown, Pensilvânia, essa Casa de Ópera incendiou-se em 13 de janeiro de 1908, a partir da queda de uma lâmpada de querosene. Situava-se no 2º pavimento e as saídas estavam fora de padrão ou obstruídas. A estreita saída existente não foi suficiente e 170 pessoas morreram.

#### 2.2.3. Escola Elementar Collinwood, em Lake View

A maior tragédia ocorrida em ambiente escolar nos EUA se desenrolou em 4 de março de 1908, vitimando 172 crianças, 2 professores e uma pessoa que tentou socorrer as vítimas. Devastador, esse incêndio reforçou a consciência estadunidense sobre a necessidade de melhoria dos códigos, normas e dos exercícios de escape e de combate ao fogo.

#### 2.2.4. Triangle Shirtwaist Factory

Em 25 de março de 1911, em Nova Iorque, ocorreu o incêndio que fechou a sequência trágica, dando início ao processo de mudança: incendiou-se a Triangle Shirtwaist Factory. O incêndio na indústria de vestuário, situada em um prédio elevado, o edifício Asch, causou a morte de 146 pessoas, em sua maioria jovens mulheres imigrantes, com menos de 18 anos de idade. Muitas delas se projetaram pelas janelas, outras pereceram nas escadas e corredores. Vinte e cinco minutos após o início do incêndio, os bombeiros da cidade o consideraram fora de controle e cerca de 10 minutos atingia toda a edificação. Os bombeiros

somente atingiram o topo da edificação quase duas horas após o início do sinistro.

#### 2.2.5. A Mudança

Quatro edições do “Manual de Proteção Contra Incêndios” (Handbook Fire Protection) haviam sido publicadas, com evoluções técnicas, até que surge aquele considerado marco divisorio: a 5ª edição, de 1914. A importância dessa edição decorre dos incêndios anteriormente citados, em especial do então recente incêndio com vítimas da Triangle Shirtwaist Company, que ampliou a missão da NFPA para a proteção de vidas, e não somente de propriedades.

Foi após esse incêndio que a NFPA criou o Comitê de Segurança da Vida, origem do Código de Segurança da Vida (NFPA 101). A primeira publicação desse comitê é o texto “Sugestões para Organização e Execução de Exercícios de Incêndio”. O mesmo comitê, posteriormente, vai gerar indicações para a construção de escadas, de saídas de incêndio para o abandono de diversos tipos de edifícios, além da construção e disposição de saídas de emergência em fábricas, escolas etc., que até hoje constituem a base desse código.

#### 2.3. A Situação do Brasil Antes dos Grandes Incêndios

Muito pela ausência de grandes incêndios e de incêndios com grande número de vítimas, o “problema incêndio”, até início dos anos 70 do século passado, era visto como algo que dizia mais respeito ao corpo de bombeiros. A regulamentação relativa ao tema era esparsa, contida nos Códigos de Obras dos municípios, sem quaisquer incorporações do aprendizado dos incêndios ocorridos no exterior, salvo quanto ao dimensionamento da largura das saídas e escadas, da incombustibilidade de escadas e da estrutura de prédios elevados.

As corporações estaduais possuíam alguma regulamentação, advinda da área seguradora, indicando em geral a obrigatoriedade de medidas de combate a incêndio, como a provisão de hidrantes e extintores, além da sinalização desses equipamentos. A Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT tratava do assunto por intermédio do Comitê Brasileiro da Construção Civil, pela Comissão Brasileira de Proteção Contra Incêndio, regulamentando mais os assuntos ligados à produção de extintores de incêndio. Inexistia, por exemplo, uma norma que tratasse de saídas de emergência. Toda a avaliação e classificação de risco eram decorrência do dano ao patrimônio, sendo a única fonte reguladora dessa classificação a Tarifa Seguro Incêndio do Brasil –



TSIB. Talvez possamos até afirmar que a situação do País era semelhante à dos EUA em 1911. E uma conclusão óbvia é a de que nosso País não colheu o aprendizado decorrente dos grandes incêndios ocorridos nos EUA ou em outros países. Inicia-se então a sequência de tragédias.

#### 2.4. Os Incêndios, o Aprendizado e a Mudança no Brasil

##### 2.4.1. Gran Circo Norte-Americano, em Niterói-RJ

O maior incêndio em perda de vidas no Brasil e a maior perda de vidas ocorridas em um circo no mundo aconteceu em 17 de dezembro de 1961, em Niterói, no Gran Circo Norte-Americano, tendo como resultado 250 mortos e 400 feridos. Vinte minutos antes de terminar o espetáculo, um incêndio tomou conta da lona. Em três minutos, o toldo, em chamas, caiu sobre os dois mil e quinhentos espectadores. A ausência dos requisitos de escape para os espectadores, como o dimensionamento e posicionamento de saídas, a inexistência de pessoas treinadas para conter o pânico e orientar o escape, etc. foram as causas da tragédia.

As pessoas morreram queimadas e pisoteadas. A saída foi obstruída pelos corpos amontoados. O incêndio teve origens intencionais e criminosas. Seu autor foi julgado e condenado e a tragédia teve repercussão internacional, com manifestações do Papa e auxílio dos EUA, que forneceram 300 m<sup>2</sup> de pele humana congelada para ser usada no tratamento das vítimas. A cidade de Niterói só voltou a ver um novo circo 14 anos depois da tragédia, em 1975.

##### 2.4.2. Incêndio na Indústria Volkswagen do Brasil

Até dezembro de 1970, nenhum grande incêndio em edificações havia impactado a abordagem que o Poder Público e especialmente as seguradoras faziam do problema no Brasil. Era linguagem quase corrente que o padrão de construção em alvenaria, aliado à ocupação litorânea de área com alta umidade relativa do ar, se não impedião, ao menos minimizavam a possibilidade da ocorrência de grandes incêndios. O incêndio na Ala 13 da montadora de automóveis Volkswagen, em São Bernardo do Campo, ocorrido em 18 de dezembro de 1970, consumindo um dos prédios da produção, com uma vítima fatal e com perda total dessa edificação, além de ser grande exemplo de novo tipo de conflagração, ocorrido em única edificação, que mostrou que a apregoada ausência de risco não passava de crença ingênua.

Em uma comparação, que reafirma o fato de não nos importarmos aprendizados e soluções,

podemos destacar que em 12 de agosto de 1953, incendiaram-se as instalações da General Motors, em Livonia, Michigan, EUA. Pela incapacidade de penetrar nas instalações, totalmente tomadas pela fumaça, as perdas materiais foram totais. As perdas humanas contabilizaram 4 mortes e 15 pessoas ficaram seriamente feridas. Após esse incêndio, iniciaram-se os estudos para a implantação de sistemas de controle de fumaça. Ausentes nas instalações da Volkswagen, que somente começaram a ser realmente exigidos no Brasil a partir de 2001, na regulamentação do Corpo de Bombeiros de São Paulo.

##### 2.4.3. Incêndio no Edifício Andraus, em São Paulo

O primeiro grande incêndio em prédios elevados ocorreu em 24 de fevereiro de 1972, no edifício Andraus, na cidade de São Paulo. Tratava-se de um edifício comercial e de serviços (Loja Pirani e escritórios), situado na Avenida São João esquina com Rua Pedro Américo, com 31 andares, estrutura em concreto armado e acabamento em pele de vidro. Acredita-se que o fogo tenha começado nos cartazes de publicidade das Casas Pirani, colocados sobre a marquise do prédio. Do incêndio resultaram 352 vítimas, sendo 16 mortos e 336 feridos. Apesar de o edifício não possuir escada de segurança e a pele de vidro haver proporcionado uma fácil propagação vertical do incêndio pela fachada, mais pessoas não morreram devido à existência de instalações de heliponto na cobertura, o que permitiu que as pessoas que para lá se deslocaram permanecessem protegidas pela laje e pelos beirais no prédio. Muitos dali foram retirados por helicópteros, apesar de a escada do edifício estar liberada para descida, as pessoas optaram por procurar abrigo no heliponto, por temerem retornar ao interior do edifício. Esse incêndio gerou a criação de Grupos de Trabalho, especialmente nos âmbitos da cidade e do Estado de São Paulo.

Com o passar do tempo, esses trabalhos foram perdendo o seu ímpeto inicial, e mesmo aqueles que conseguiram levar a termo suas tarefas, viram seus esforços caminhar para um processo de engavetamento dos projetos e proposições. Estudou-se a reestruturação do corpo de bombeiros, criando-se Comandos de Corpo de Bombeiros dentro das Polícias Militares, pois, até então, com exceção do corpo de bombeiros do Rio de Janeiro e de Brasília, todos eram orgânicos às PM. A Prefeitura de São Paulo passou a estudar a reformulação de seu Código de Obras, oriundo de 1929 e atualizado em 1955. Apesar de muitos desses grupos haver concluído suas tarefas, indicando necessidades de reformulação, quer na legislação como no corpo de bombeiros (em especial de São Paulo), e sem que houvesse sido



produzido ainda quaisquer efeitos, ocorre o segundo grande incêndio, o do Edifício Joelma.



#### 2.4.4. Incêndio no Edifício Joelma, em São Paulo

Um dos marcos na história dos grandes incêndios no Brasil, talvez pela quantidade de vítimas fatais e pelo heroísmo dos bombeiros para salvar as pessoas presas pelas chamas naquele prédio, que sempre será lembrado pelos bombeiros brasileiros. Esse edifício, também construído em concreto armado, com fachada tradicional, situa-se na Avenida 9 de Julho, 22, na Praça da Bandeira, possuindo 25 andares de estacionamentos e escritórios.

Ocorrido em 1º de fevereiro de 1974, causou a morte de 179 pessoas, além de 320 feridos. O edifício, assim como o Andraus, não possuía escada de segurança. Nesse incêndio, como ocorrera no da Triangle Shirtwaist Factory, pessoas se projetaram pela fachada do prédio, gerando imagens fortes e de grande comoção (a maior parte das pessoas que se projetou do telhado caiu em pátio interno, longe das vistas da população). Muitos ocupantes do edifício morreram no telhado, provavelmente buscando um escape semelhante ao do edifício Andraus.

Somado ao incêndio do edifício Andraus, pela semelhança dos acontecimentos e proximidade espacial e temporal, o incêndio causou grande impacto, dando início ao processo de reformulação das medidas de segurança contra incêndios. Ainda durante o incêndio, o comandante do corpo de bombeiros da cidade de São Paulo, munido dos dados que embasavam os estudos da reorganização desse corpo de bombeiros, revela à

imprensa as necessidades de aperfeiçoamento da organização. Mostram-se, portanto, igualmente falhos e despreparados para esse tipo de evento, os poderes municipal e estadual. O primeiro por deficiências em sua legislação e por descuidar do corpo de bombeiros, pelo qual era responsável solidariamente com o Estado. O segundo pelas deficiências do corpo de bombeiros.

Mais uma vez o aprendizado do exterior não chegara ao nosso País. O que ocorreu a seguir parece um despertar, uma percepção de que os grandes incêndios, com vítimas, até então distantes, passam a ser entendidos como fatos reais, que nos atingem. E que exigem mudanças.



Edifício Joelma



Edifício Joelma incendiado

#### 2.4.5. Incêndio no Edifício Andorinhas, no Rio de Janeiro

Este incêndio teve uma particularidade, pois foi um dos primeiros transmitido ao vivo pela televisão,



onde os telespectadores assistiram cenas chocantes de pessoas acuadas pelo fogo se atirarem do alto do prédio, pelas janelas, indo de encontro à morte. Morreram 21 mortes pessoas e outras 50 ficaram feridas.



Edifício Andorinhas

## 2.5. As Mudanças que os Grandes Incêndios Provocaram

### 2.5.1. Na Organização e Administração do Corpo de Bombeiros

Logo após o incêndio do edifício Andraus, o então Ministério do Exército, por meio de sua Inspetoria Geral das Polícias Militares – IGPM, produziu as Normas de Orientação para a Organização das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares, determinando que o corpo de bombeiros, inseridos nas Polícias Militares, fossem organizados em comandos e quadros de pessoal próprios.

Os comandos próprios foram criados em todo o Brasil e, a partir da Constituição Federal de 1988, essas organizações iniciaram o movimento de desvinculação das polícias, afastando-se da estrutura ligada ao Sistema de Persecução Penal, do qual não fazem parte. Até então, os únicos corpos de bombeiros desvinculados eram os do Rio de Janeiro e do Distrito Federal.

### 2.5.2. Na Regulamentação

A Prefeitura de São Paulo editou seu Código de Obras em 1975 e avançou nas Medidas de

Proteção Contra Incêndio em seu novo Código, de 1992. As regulamentações estaduais, iniciadas com o código do Rio de Janeiro, cresceram juntamente com a efetivação da autonomia do corpo de bombeiros nos Estados.

Em São Paulo, palco das tragédias desencadeadoras do processo evolutivo, uma legislação estadual somente surgiu em 1983 (Decreto n. 20.811/83), sete anos após o Rio de Janeiro e quase nove anos após o incêndio do Edifício Joelma. A regulamentação de São Paulo ainda foi precedida por mais um incêndio em prédio elevado, ocorrido em 14 de fevereiro de 1981, no Edifício Grande Avenida, prédio esse localizado na Avenida Paulista, e que deixou saldo de 17 mortos, apesar de esse mesmo edifício haver passado por adaptações decorrentes de incêndio anterior. O Decreto n. 20.811, de 11 de março de 1983, indica exigências de abrangência estadual de proteção contra incêndio quanto a saídas, compartimentação horizontal e vertical, além de sistemas de chuveiros automáticos, alarme/detecção, iluminação de emergência etc. Essas exigências, ainda em 1983, careciam de suporte em normas da ABNT, pela inexistência de normas para alarme, iluminação de emergência, chuveiros automáticos etc.

A regulamentação de São Paulo foi atualizada em 1993 (Decreto n. 38.069/93), e novamente, com grande crescimento técnico e sob novo modelo, em 2001 (Decreto n. 46.076/2001).

## 2.6. Os Incêndios Ainda Podem nos Ensinar

Ocorridos em países vizinhos, recentemente dois incêndios merecem ser destacados, para servir de reflexão se algo semelhante pode acontecer no Brasil, para que providências sejam adotadas para evitá-los.

### 2.6.1. Supermercado Ycua Bolaños

Em 1º de agosto de 2004, na cidade de Assunção, no Paraguai, começou um incêndio em supermercado da rede Ycua Bolaños. Eram 11h30 e no interior da edificação havia aproximadamente 900 pessoas. Do incêndio resultaram cerca 350 mortos, 70 pessoas desaparecidas e quase 300 feridos. Materialmente a rede varejista perdeu toda a área do supermercado, com 6 mil m<sup>2</sup>, e seu conteúdo. Testemunhas afirmam que portas do supermercado foram cerradas logo após o início do incêndio, aparentemente para se evitar furtos. Sem a menor dúvida, parte das saídas que se abria para o estacionamento de veículos encontrava-se fechada quando da chegada do corpo de bombeiros. O incêndio atingiu temperaturas de cremação (aproximadamente 1.000°C). Iniciou-se



sobre o forro, abaixo do teto, provavelmente pelo acúmulo de gordura e outros combustíveis nessa área. Tais combustíveis foram aquecidos pelo contato com o calor do duto de exaustão. A queima lenta sobre o teto acelerou-se quando ele faliu, provocando rápida expansão do fogo pelo acesso ao oxigênio do ar.

### 2.6.2. Boliche República Cromagnon

Em 30 de dezembro de 2004, em Buenos Aires, um incêndio no Boliche República Cromagnon deixou 175 mortos, com 714 feridos, 102 deles em estado grave. No local encontravam-se aproximadamente 3 mil pessoas. Indica-se como causa do incêndio o uso de fogo de artifício no interior da edificação, o qual teria inflamado o material de acabamento do teto. Houve problemas com as rotas de fuga, pois 4 das 6 portas de saída apresentavam alguma forma de bloqueio para evitar acesso gratuito de pessoas. A maioria das vítimas teve problemas por inalação de fumaça e gases aquecidos, com queimaduras nas vias aéreas.

### 2.6.3. Os ensinamentos que podemos adquirir

Os incêndios citados foram escolhidos por ser recentes, haver ocorrido em países vizinhos e, especialmente, por ter atingido locais de reunião de público, nos quais a possibilidade de ocorrer vítimas ser potencialmente elevada. Entendemos que para os locais de reunião de público ainda não temos um controle efetivo das lotações, não fornecemos adequada informação a seus frequentadores, para que eles possam sair em segurança e denunciar abusos, nem cuidamos adequadamente dos materiais de acabamento.

Esses incêndios apontam para uma medida de proteção contra incêndio essencial para essa ocupação, que falhou em ambos: o gerenciamento. Nos dois exemplos, os meios de escape existiam e estavam aparentemente bem dimensionados. Não foram utilizados em sua plenitude por ter sido fechados ou estar obstruídos. Outro destaque que entendemos essencial deixar registrado diz respeito à ausência de dados e ensinamentos retirados de nossos incêndios, os ocorridos no Brasil. Parca é a informação disponibilizada ao público, pelo corpo de bombeiros em especial, sobre as causas deste ou daquele incêndio, com ou sem vítima, os mecanismos de propagação etc. Essas experiências, que ocorrem diariamente, infelizmente ainda se perdem pela ausência de sistemática investigação e divulgação.

## 2.7. Grandes Incêndios em Goiás

No nosso Estado também tivemos ao longo da

história grandes incêndios, que marcaram o modo de operações, e como outros ocorridos pelo Brasil e no mundo, trouxeram algum tipo de benefício para a Corporação.

### 2.7.1. Prédio do Centro Administrativo

O Centro Administrativo do governo estadual, atual Palácio Pedro Ludovico Teixeira, localizado no centro da Capital, mais especificamente na Praça Cívica, teve os últimos andares incendiados. O Corpo de Bombeiros conseguiu controlar o incêndio, sendo que os danos ficaram restritos a estes andares, e não se caracterizou como tragédia devido ao horário noturno e num feriado nacional (12 de outubro de 2000), portanto somente o pessoal da segurança estava presente, sendo que normalmente este prédio tem um público diário em mais de 1000 pessoas.

### 2.7.2. Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Pirenópolis

Em 5 de setembro de 2002 este incêndio caracterizou-se por ser uma ocorrência em local tombado pelo patrimônio histórico nacional. A Igreja Nossa Senhora do Rosário tinha sido restaurada recentemente e teve toda sua área queimada, sobrando somente as paredes que são feitas de taipa. Nessa época a unidade operacional sediada naquela cidade não dispunha de viatura de combate a incêndio, sendo que as viaturas empenhadas na ocorrência foram as das cidades de Anápolis e Goiânia.







### 2.7.3. Indústria Luztol

Incêndio em indústria química na região metropolitana de Goiânia, em 26 de agosto de 2002, envolveu grande efetivo e testou a capacidade de atendimento da Corporação.



### 2.7.4. Depósito da Supergasbras

Empresa envasadora de GLP, localizada na época (6 de agosto de 2005) às margens da Rodovia BR-153, próximo a região residencial em Goiânia, foi um dos grandes incêndios em nosso Estado, levou pânico aos moradores das proximidades pois houve inúmeras explosões de botijões de gás, arremessando-os a centenas de metros de distância.



### 2.7.5. Perdigão

Situada no sudoeste goiano, na cidade de Rio Verde, esta indústria é uma das maiores unidades fabris do nosso Estado, teve incendiado uma parte de suas instalações em 21 de março de 2009. Nesse incêndio foi utilizada uma das principais ferramentas de controle e comando, que é o Sistema de Comando em Incidentes – SCI, com o uso coordenado de todos os recursos possíveis naquela época, inclusive com o uso da aeronave da Polícia Militar. O incêndio foi controlado e os danos ficaram restritos a aproximadamente 30% da empresa.

### 2.7.6. Parques Ambientais

a) Parque Altamiro de Moura Pacheco (Parque Ecológico de Goiânia): localizado entre os municípios de Goiânia, Goianópolis, Nerópolis e Teresópolis de Goiás, desde sua criação o parque passou por vários incêndios, que devido às suas





características sazonalmente pega fogo (a cada dois ou três anos há um grande incêndio no parque). Destacamos aqui o último ocorrido em 2010, que incendiou-se por volta das 12 horas de 11 de setembro, sendo que o trabalho de combate a incêndio perdurou por 3 dias,. Nesta operação o CBMGO empregou 17 viaturas e em média 79 militares por dia, com resultado da operação de 70% da área total do parque preservada.

b) Parque Nacional das Emas: localizado nos municípios de Mineiros e Chapadão do Céu, com área de 132 642 ha, o parque já passou por inúmeros incêndios, e devido às suas características sempre traz muita dificuldade nas operações de combate ao fogo. A última grande ocorrência naquele parque foi em 2010, com o incêndio iniciado em 12 de agosto, por volta das 19h, sendo que apenas no final do dia 16 de agosto

foi controlado. Nesta operação o CBMGO contou com o apoio de pessoal do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio.

### 3. Histórico do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás:

#### 3.1. O início da Corporação (1957)

Como na maioria dos Estados, a Corporação de Bombeiros de Goiás surgiu em decorrência dos incêndios que ocorreram na Capital, mais especificamente em incêndio ocorrido no salão de festas do Palácio do Governo. Por isso, em 5 de novembro de 1957 foram designados 11 policiais militares para frequentarem no Estado de Minas Gerais o Curso de Bombeiros, que teve a duração de 8 meses.



Posteriormente, em 17 de dezembro de 1958 foi editada a Lei n. 2.400, que criava uma Companhia de Bombeiros na Capital, dentro da estrutura da Polícia Militar do Estado de Goiás, com sede em edificação na Avenida Anhanguera, próximo ao Lago das Rosas. Em 1963, mudou-se para a Rua 66, 253, no Setor Central. Naquela época, o seu trem de socorro era composto de apenas um Auto

Bomba Tanque – ABT, tipo Thames 2000, e uma viatura Pirsch – Auto-Pó Químico, ambos doados pelo Governador Carlos Lacerda, então Governador do Rio Janeiro.

A Lei n. 5.542, de 10 de novembro de 1964, situou a Companhia de Bombeiros no 1º Batalhão da Polícia Militar (denominado Batalhão Anhanguera),



localizado então no Comando Geral da PMGO. Pela Lei n. 6.814, de 14 de novembro de 1967, o Corpo de Bombeiros é assim denominado pela primeira vez em Goiás, além de receber a estrutura de Batalhão. Com base na Lei n. 8.125, de 18 de dezembro de 1976, combinado com o Decreto n. 1936, de 27 de agosto de 1981, baixou-se a Portaria n. 04/81-PM/3, criando no Corpo de Bombeiros os seguintes Órgãos:

- Comando do Corpo de Bombeiros – CCB;
- 1º Grupamento de Incêndio – 1º GI;
- 1ª Seção de Combate a Incêndio – 1ª SCI, com sede no Aeroporto Santa Genoveva;
- 2ª Seção de Combate a Incêndio – 2ª SCI, com sede no Setor Campinas;
- 3ª Seção de Combate a Incêndio – 3ª SCI, com sede na Cidade de Anápolis;
- 4ª Seção de Combate a Incêndio – 4ª SCI, na cidade de Itumbiara.

Em 1985 foi criada Seção Contra Incêndio na Cidade de Rio Verde.

### 3.2. A Separação do CBMGO da Polícia Militar

Durante o período em que o Corpo de Bombeiros foi parte da Polícia Militar, poucas informações foram guardadas, sendo que o Corpo de Bombeiros sempre foi utilizado nas operações de vulto da Polícia Militar, inclusive fazendo policiamento ostensivo a pé nos principais pontos da Capital.

Então, pela ação dos bombeiros, foi conseguido que a Constituição Estadual, promulgada em 5 de outubro de 1989, criasse o Corpo de Bombeiros Militar como um dos órgãos componentes da Segurança Pública Estadual.

Assim o Corpo de Bombeiros Militar passou a constituir-se numa Corporação independente e autônoma, com as seguintes missões:

- I – a execução de atividades de defesa civil;
- II – a prevenção e o combate a incêndios e a situações de pânico, assim como ações de busca e salvamento de pessoas e bens;
- III – o desenvolvimento de atividades educativas relacionadas com a defesa civil e a prevenção de incêndio e pânico; e
- IV – a análise de projetos e inspeção de

instalações preventivas de proteção contra incêndio e pânico nas edificações, para fins de funcionamento.

Em 1º de janeiro de 1990 o Governador do Estado nomeou o 1º Comandante Geral da Corporação, o Coronel PM Pedro Francisco da Silva (foto abaixo), determinando-lhe empreender esforços para a estruturação do Corpo de Bombeiros. Assim, foi criada e implementada um novo órgão, denominada Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás, com orçamento próprio, partindo-se a seguir para a elaboração da legislação, com o encaminhamento de projetos de leis e decretos, iniciando-se o processo de criação e implantação das unidades operacionais na Capital e interior do Estado.



### 3.3. Origem dos Oficiais do CBMGO

Os primeiros oficiais do recém-criado Corpo de Bombeiros são todos oriundos das fileiras da Polícia Militar do Estado de Goiás. Na época da separação foi criada comissão para efetivar a divisão de efetivo e patrimônio, sendo que os 36 oficiais do então Quadro de Oficiais Policiais Militares formaram assim o Quadro de Oficiais Bombeiros Militares – QOBM, além de 4 oficiais do Quadro de Saúde, sendo dois médicos e dois dentistas, dois Oficiais de Administração e 6 Alunos Oficiais.

Mesmo assim houve a necessidade de maior número de oficiais, principalmente tenentes, para comporem as frentes de serviço que surgiam. Dessa forma, em 1991 foi feito concurso público para admissão de oficiais da reserva do Exército Brasileiro, sendo que nesse concurso foram admitidos 22 oficiais para inclusão no posto de segundo-tenente QOBM, realizando Estágio de Adaptação de Oficiais e iniciando suas atividades na Corporação.

Após esta primeira turma, o critério para ingresso



tornou-se outro, sendo os concursos feitos para admissão ao Curso de Formação de Oficiais, onde os aprovados eram enviados aos Corpos de Bombeiros do Rio de Janeiro e do Distrito Federal para se formarem.

Em 2002 tivemos o primeiro Curso de Formação de Oficiais realizado na Corporação, curso este em parceria com a Universidade Estadual de Goiás, tornando assim um dos primeiros estados brasileiros a formar Oficiais com graduação superior.

### 3.4 Colaboradores da Evolução Histórica do CBMGO

#### 3.4.1 Coronel QOBM Pedro Francisco da Silva

O primeiro Comandante Geral exerceu a função de 1º janeiro de 1990 a 14 de março de 1991, tendo recebido da Polícia Militar o efetivo, as viaturas e equipamentos para iniciar a estruturação do CBMGO. Dentre suas realizações destacamos a efetivação da separação, bem como a criação de estrutura básica para garantir a manutenção das atividades e o início da expansão do CBMGO, com a criação de leis básicas para criar o ordenamento jurídico do Corpo de Bombeiros. Outro ponto de destaque foi a instalação do Quartel do Comando Geral, que teve como base a antiga Rodoviária de Goiânia, no Lago das Rosas. Também nesse comando foi implantado o serviço “Chame Ambulância – 192” e criada a Banda de Música.

#### 3.4.2 Coronel QOBM João de Oliveira Godinho

Comandou de 15 de março de 1991 a 31 de dezembro de 1994. Durante o seu comando iniciaram-se os avanços estruturais da Corporação, sendo incluídas as primeiras turmas de novos bombeiros, sendo que naquela época o ingresso na corporação podia ser feito de através dos concursos de admissão para o Curso de Formação de Oficiais (Combatentes), e também para Médicos, Dentistas, Sargentos, Cabos e Soldados músicos e combatentes. Dentre outras realizações, citamos:

- ampliação física das instalações do Comando Geral;
- construção do complexo esportivo e primeira piscina da Corporação;
- formação da primeira turma de Oficiais;
- aquisição da Auto Plataforma Aérea – APA, fabricada pela empresa Bronto Skylift; e
- ativação da unidade em Jataí.



#### 3.4.3. Coronel QOBM Anthony Jefferson Soares Frazão



Exerceu o comando no período de 1º de janeiro de 1995 a 16 de abril de 1997, sendo um dos oficiais que se empenhou na separação da Corporação, tendo tido participação ativa no acidente com o elemento césio-137, no ano de 1987. Durante seu comando, pouco pode realizar devido à contenção de custos, mas mesmo assim implantou a unidade de Caldas Novas e elevou à categoria da OBM o quartel de Jataí.

#### 3.4.4. Coronel QOBM Valdi Marques de Sousa







Comandou de 17 de abril de 1997 a 31 de dezembro de 2002, e depois de 6 de janeiro de 2003 a 8 de agosto de 2003, sendo que em seu comando houve inúmeras realizações, dentre elas:

- criação e ativação do 5º SGI, na cidade de Catalão, em 1999;
- ativação do 6º SGI, na cidade de Luziânia, em 1999;
- ativação do 7º SGI, na cidade de Mineiros, em fevereiro de 1999;
- criação e ativação do Centro Técnico de Ensino, para formação, aperfeiçoamento e especialização de Oficiais e Praças, Em junho de 1999;
- criação e ativação do 8º SGI, na cidade de Goiás, em março de 2000;
- criação e ativação do 9º SGI, na cidade de Senador Canedo, em abril de 2000;
- escolha da cidade de Minaçu para sediar o 10º Subgrupamento de Incêndio, em março de 2000;
- realização de concurso público para inclusão de 400 novos bombeiros, com inclusão da primeira turma feminina;
- criação do 2º SGI, na cidade de Aparecida de Goiânia, em março de 2000;
- criação do 11º SGI, na cidade de Pirenópolis, em maio de 2000;
- criação do 12º, 13º, 14º e 15º SGI, respectivamente nas cidades de Santa Helena de Goiás, Goianésia, Porangatu e Trindade, em 2001;
- em decorrência da Lei n.14.383, de 31 de dezembro de 2002, o Centro Técnico de Ensino passou a ser denominado Gerência de Ensino Bombeiro Militar;
- criação e implantação do 16º SGI, na cidade de Formosa, em dezembro de 2003.

A partir de 4 de fevereiro de 2000, o Comando Geral do CBMGO se transferiu para a sede da Secretaria da Segurança Pública, situada na Avenida Anhanguera, 7364. Setor Aeroviário, e o antigo Comando Geral da Corporação se transformou no Quartel Lago das Rosas, abrigando no complexo a Diretoria de Saúde, Gerência de Apoio Logístico, Grupo de Resgate Pré-hospitalar e Centro de Operações de Bombeiros.

### 3.4.5 Coronel QOBM Nilton Arão Gomes



Comandou de 1º a 5 de janeiro de 2003, sendo que seu rápido exercício foi tão somente para transmitir ao Coronel Valdi novamente o comando da Corporação.

### 3.4.6. Coronel QOC Uilson Alcântara Manzan



Esteve no comando de 9 de agosto de 2003 a 1º de janeiro de 2011, e durante todo o período obteve êxito na expansão do CBMGO, fazendo com que a Corporação atingisse padrão de eficiência e modernização, tornando-a referência para outras corporações nacionais. Em sua gestão foram editadas as primeiras normas administrativas e operacionais do CBMGO, a atualização do Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico, através da Lei Estadual n. 15.802, de 11 de setembro de 2006, e a descentralização do sistema de inspeções técnicas, com a implantação do programa SIAPE/SIAE. Com a aquisição de viaturas diversas, foram estruturados os trens de socorros das unidades operacionais, em que cada quartel passou a ter simultaneamente viaturas de combate a incêndio, salvamento e de resgate. Implantou ainda os serviços de salvamento em emergências de resgate utilizando motocicletas, visando





diminuir o tempo resposta no atendimento de vítimas de acidentes de trânsito, e o serviço de busca e salvamento de pessoas desaparecidas e de vítimas de afogamento utilizando cães treinados. Também foram adquiridos para o serviço operacional as viaturas do tipo Auto Tanque, para apoio a grandes incêndios.

Para o público interno criou, em fevereiro de 2006, a Fundação D. Pedro II, que tem como principal objetivo proporcionar assistência social aos bombeiros militares e seus dependentes. Foi firmado convênio com a Agência Nacional de Petróleo, que permitiu durante vários anos um trabalho preventivo nas instalações que comercializam e distribuem GLP no Estado de Goiás, mediante o repasse de recursos financeiros à Corporação, que foram aplicados na aquisição de equipamentos para os serviços de bombeiros.

Um marco do seu comando foi à participação da população nos eventos do CBMGO, podendo ser destacado a realização de maratonas mirins, de grande aceitação pela comunidade goianiense, e a implantação dos serviços de formação de bombeiros mirins, hoje uma realidade nos diversos quartéis da Corporação.

Nesse período foi realizado o processo de aquisição do helicóptero operacional Bombeiro-01, a criação da então Companhia de Operações Aéreas e Segurança Aeroportuária, e a formação de oficiais para Corpos de Bombeiros de outros estados, com início do trabalho de intercâmbio com outras instituições, em que o CBMGO passa a ser reconhecido como referência na formação de bombeiros no Brasil.

Dentre suas realizações se destacam:

- criação e implantação do 17º SGI, na cidade de Jaraguá, em junho de 2004;
- criação e implantação do 6º SGI, no Parque Ecológico, em janeiro de 2005;
- em março de 2005 se iniciam os procedimentos para criação de quartel em Palmeiras de Goiás, sendo aprovada em 15 de julho de 2005 a Lei n. 15.254, que cria unidade operacional na cidade;
- em julho de 2005, o 1º SGI, situado na cidade de Itumbiara, foi transformado no 6º GI, ficando o Quartel do Parque Amazonas, então Companhia de Incêndio do 1º GI, com a denominação de 1º SGI;
- a Portaria n. 443-SSPJ, de 29 de setembro de 2005, cria a unidade operacional na cidade de Niquelândia;

– através da Lei n. 15.658 de 17 de maio de 2005, os Grupamentos e Subgrupamentos de Incêndio passam a denominar-se Grupamentos e Subgrupamentos de Bombeiros, e o quartel do Grupamento de Resgate Pré-hospitalar – GRPH foi renomeado para Grupamento de Salvamento em Emergência – GSE;

– a Lei n. 15.709, de 28 de junho de 2006, cria o 20º Subgrupamento de Bombeiros na cidade de Inhumas;

– pelas Portarias n. 175, 176 e 177/2006 – Gabinete do Comando são criados os Subgrupamentos de Bombeiros de Luziânia nas cidades de Cristalina, Posse e Planaltina;

– criadas as unidades de Morrinhos e Pires do Rio;

e  
– realização do concurso público em 2010, com a inclusão de 400 praças e 50 oficiais.

#### 3.4.7. Cel QOC Carlos Helbingen Júnior



Assumiu o comando em 1º de janeiro de 2011 e logo em seguida deu ao CBMGO nova dinâmica na forma de condução da Corporação, realizando importantes ações para a modernização da gestão, com desenvolvimento institucional planejado. Dentre suas realizações, citamos:

- implantação do Planejamento Estratégico;
- ativação de unidade de Itaberaí;
- ativação de unidade de São Luís de Montes Belos;
- ativação de unidade de Iporá;
- ativação de unidade de Quirinópolis;
- ativação de unidade de Goiatuba;



- ativação de unidade de Águas Lindas;
- ativação de unidade de São Miguel do Araguaia;
- ativação de unidade em Ceres;
- ativação da unidade de Aruanã;
- ativação da unidade de Ipameri;
- criação do Núcleo Integrado de Atenção Biopsicossocial – NIAB;
- criação do 3º, 4º e do 5º Comandos Regionais Bombeiro Militar;
- criação da Assessoria de Gestão Estratégica;
- criação da Seção de Inativos e Pensionistas;
- criação do Serviço de Investigação e Perícia de Incêndio;
- exercício temporário da presidência do Conselho Nacional de Comandantes Gerais das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares – CNCG;
- mandato de presidente do Conselho Nacional dos Corpos de Bombeiros Militares do Brasil – LIGABOM;
- realização em Goiás de Seminários Nacionais de Bombeiros em 2014, 2015 e previsão para 2017; e
- criação do Fundo Especial de Reparelhamento e Modernização do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás – FUNEBOM, por meio da Lei n. 17.480, de 8 de dezembro de 2011, que visa a aquisição de equipamentos e viaturas para a melhoria das condições de trabalho dos bombeiros goianos.

### 3.5. Acidentes que Marcaram a Corporação

#### 3.5.1. Acidentes de Trânsito:

a) Auto-Escada: um dos primeiros acidentes envolvendo viatura pesada na Corporação ocorreu durante deslocamento da viatura para manutenção no Rio Grande do Sul, quando trafegava por rodovia no estado do Paraná veio a capotar ficou totalmente destruída. Por mais de 10 anos esta viatura permaneceu na cidade de Rio Grande-RS, sendo restaurada mas sem possibilidade de ser arvorada, e hoje encontra-se no acervo histórico da Corporação no 3º BBM, na cidade de Anápolis; e

b) colisão de ABT: este acidente foi um dos graves

ocorridos na Corporação devido ao numero de bombeiros que estavam a bordo da viatura, durante cruzamento da Avenida Goiás com a Avenida Paranaíba, quando colidiu com ônibus do transporte coletivo da cidade de Goiânia, vindo a tombar, ferindo bombeiros e danificando uma das poucas viaturas existente na época.

#### 3.5.2 Óbitos em Serviço ou Instrução

Infelizmente esta situação também faz parte da história da Corporação e sempre é com pesar que se relembra daqueles que faleceram no cumprimento da missão institucional, deixando para nós além da dor pela perda de companheiros de farda, a necessidade de analisar a situação para evitar que novos incidentes ocorram na Instituição.

O Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás, apesar de ser relativamente novo, já teve integrantes que pereceram durante o serviço operacional ou no transcorrer de curso de especialização. Dentre eles o Subtenente Batista, que estava à disposição de outro órgão e no regresso ao serviço ativo foi de imediato empenhado em incêndio que ocorria no Parque Ecológico, sendo vítima de ataque cardíaco durante deslocamento dentro do parque.

Na atividade de mergulho houve 4 óbitos, sendo dois em missão e outros dois durante a realização de curso de especialização em mergulho de resgate. Durante remoção de material próximo ao duto de entrada de água na barragem da Usina Rochedo, os Soldados Fonseca e Amaral foram tragados pelo duto de entrada de água da usina. Em especialização de mergulho, os alunos Cabo Genivaldo e o Soldado Mesquita estavam na última atividade do curso, quando desapareceram ao efetuarem o exercício de flutuação de carcaça de automóvel no Lago de Corumbá, sendo localizados somente no dia seguinte, não havendo informações precisas do que aconteceu, pois foi encontrado ar respirável dentro dos cilindros dos equipamentos de mergulho utilizados pelos dois.

Outros óbitos aconteceram nas atividades de salvamento, como o caso do soldado Marcos Manhezo, que veio a óbito motivado pela colisão da viatura que dirigia, uma ambulância tipo Elba, do antigo serviço “Chame Ambulância”, que funcionou como protótipo do nosso atual “Resgate”. Outro caso ocorreu durante ocorrência de desmoronamento de pista, durante fortes chuvas na cidade de Caldas Novas, a guarnição de salvamento foi acionada para atender a ocorrência de veículo que havia caído em riacho na rodovia que dá acesso à cidade, e no deslocamento viram a água sobre suposta pista e tentaram atravessar,



contudo o asfalto havia cedido e a viatura foi tragada pelas águas, e o Cabo Martins não conseguiu sair do interior da viatura e faleceu.

### 3.7. O Símbolo da Corporação e sua Heráldica



Instituído pelo decreto n. 4.793, de 14 de maio de 1997, o Símbolo do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás tem sua ênfase gráfica na figura da ave mitológica Fênix. Conta a história que a ave enfrenta fogo para gerar a vida, “ressurgindo das cinzas”, portanto ela dá a vida para gerar outras vidas. O círculo dá a ideia de continuidade, de totalidade, além de representar evolução, em que a leitura é feita do centro para a extremidade. As mangueiras ganham um papel de destaque no círculo, que as insere dentro da imagem, representando o combate a incêndio. O sentido anti-horário das mangueiras revela o desafio do bombeiro de correr contra o tempo, no combate ao incêndio e no resgate de vidas. As cores seguem tendência internacional das corporações de bombeiros: a vermelha representa o combate a incêndio, a laranja a cor do resgate e salvamento e a amarela e a preta foram definidas segundo padronizações técnicas da programação visual, buscando destaque para as mangueiras, para a Fênix e maior legibilidade para as letras. Em resumo, as cores básicas do símbolo são a vermelha rubi e a laranja, cores heráldicas do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás, quando apresentadas em justaposição.

## 4. O Ensino na Corporação e sua Evolução

### 4.1 O Ensino no Início da Corporação

Logo que houve a separação da PMGO, a preocupação inicial foi com a inclusão de novos bombeiros, surgindo assim a necessidade de formar estes novos militares. Com a realização de concursos, soldados foram formados após 6 meses, com turmas sediadas nas unidades existentes da Corporação. Na sequência tiveram início as especializações, sendo que uma das primeiras foi voltada para o atendimento pré-hospitalar, com os cursos de Socorrista e de Instrutores de Socorristas.

### 4.2 As Corporações de Referência no Início da Corporação

O CBMGO sempre buscou nas corporações de bombeiros brasileiras os modelos para servir de base à sua estruturação. Nesse aspecto, logo após a separação, as corporações de bombeiros de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e do Distrito Federal foram procuradas para fornecer conhecimento técnico aos militares goianos.

No estado de São Paulo nossa Corporação buscou os cursos de Bombeiros para Oficiais e para Sargentos (CBO e CBS), em que os participantes eram policiais e seriam empregados definitivamente na área de bombeiros. Na prática era um curso de formação de oficiais e sargentos, além de instruções sobre salvamento em altura, resgate e atendimento a produtos perigosos.

No estado do Rio de Janeiro buscamos os cursos de formação de oficiais, de salvamento em altura e de salvamento em montanhas, além dos de aperfeiçoamento de oficiais e o superior de bombeiros.

No estado do Paraná dois cursos elencaram o rol de especializações dos bombeiros goianos, sendo eles o Curso de Combate a Incêndios Florestal e o Curso de Operações de Busca e Salvamento.

Em Minas Gerais, apenas o curso de bombeiros para oficiais foi procurado.

No Distrito Federal, além dos cursos de formação de oficiais, aperfeiçoamento de oficiais e superior de bombeiros, inúmeros outros de especialização foram ofertados e aceitos por nossa Corporação, estreitando laços e capacitando até os dias atuais nossos oficiais e praças, sendo eles:

- CESEI: Curso de Especialização em Salvamento e Extinção de Incêndios;
- CMAUT: Curso de Mergulho;
- BREAC: Curso de Resgate em Áreas Colapsadas;
- CTOP: Curso de Tripulante Operacional;
- Curso de Perícia em Incêndios;
- Curso de Análise de Projetos de Incêndios; e
- Curso de Atendimento Pré-Hospitalar.

Além dessas corporações, o Exército Brasileiro, a Marinha do Brasil e a Força Aérea Brasileira também capacitaram bombeiros goianos em diversas áreas.





### 4.3 Os Cursos de Formação de Oficiais

Os primeiros oficiais do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás foram todos oriundos da Polícia Militar e formados na Academia daquela Coirmã. No primeiro ano após a separação houve concurso para admissão de oficiais oriundos do Exército Brasileiro, sendo que 22 oficiais foram incluídos após realização de estágio de adaptação.

Surgiu então a necessidade de incluir novos oficiais e assim em 1992 foi feito concurso em que 10 candidatos foram selecionados para frequentar o curso, sendo a turma dividida em duas e cada metade foi destinada para estudar nas corporações do Rio de Janeiro e do Distrito Federal.

De 1992 até 2000, todos os anos novos concursos foram realizados e os selecionados eram enviados para formação no Rio de Janeiro e no Distrito Federal, até que com a ativação do então Centro Tecnológico de Ensino, hoje a Atual Academia, iniciou-se o processo de formação de oficiais em Goiás em 2002, admitindo 20 candidatos que compõem a primeira turma de cadetes aqui formada, denominada “Alfa de Argus”.

Em todas as turmas formadas em Goiás sempre houve a presença de alunos de outros estados. No ano de 2009 a Corporação abriu suas portas para receber e formar turma de cadetes apenas de outros estados, vindos de Alagoas, Tocantins e Mato Grosso do Sul.

### Bibliografia

TERNES, Apolinário. Os Voluntários do Imprevisível. Editora. Letradágua.

SEITO e outros, Alexandre Itiu (coord.). A segurança contra incêndio no Brasil. Projeto Editora, 2008.

Revista Avante Bombeiros. Edição de 150 anos – CBMERJ.

[www.ccb.polmil.sp.gov.br](http://www.ccb.polmil.sp.gov.br)

[www.wikipedia.com.br](http://www.wikipedia.com.br)

[www2.uol.com.br/JC/\\_2000/1604/cd1604m.htm](http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1604/cd1604m.htm)

[www.segurancaprivadadobrasil.wordpress.com](http://www.segurancaprivadadobrasil.wordpress.com)

[www.contraincendioonline.com/bolanos.php3](http://www.contraincendioonline.com/bolanos.php3).

[www.segurancaprivadadobrasil.blogspot.com](http://www.segurancaprivadadobrasil.blogspot.com)

[www.ilr.cornell.edu/trianglefire/](http://www.ilr.cornell.edu/trianglefire/)

[www.bombeiros.go.gov.br](http://www.bombeiros.go.gov.br)

[www.wikipedia.org/wiki/Rhodads\\_opera\\_House](http://www.wikipedia.org/wiki/Rhodads_opera_House)

[www.portaldascuriosidades.com](http://www.portaldascuriosidades.com)

[www.chipublic.org/004chicago/disasters/iroquois\\_fire.html](http://www.chipublic.org/004chicago/disasters/iroquois_fire.html)

[www.quenoserepita.com.ar](http://www.quenoserepita.com.ar)